

OS DISCURSOS CICERONIANOS: ESTRUTURA, ORIGENS, INFLUÊNCIAS

Laert Ribeiro de Souza –UERJ/UNIGRANRIO

Resumo:

Neste trabalho, faremos uma apresentação do estilo do discurso de Cícero como marco de uma época.

Palavras-chave: eloquência; argumentação; persuasão.

Os discursos do orador romano Marco Túlio Cícero são um marco na história das artes literárias. Eles representam um dos momentos mais importantes na longa caminhada da comunicação humana, naquele caminho que afastou o homem do primitivismo e o tem conduzido cada vez mais em direção ao mundo do conhecimento.

E quando se afirma que os discursos de Cícero pertencem às artes literárias, dizendo-se mesmo que a eloquência se encontra como um dos mais importantes elementos da cultura literária de um povo, apenas se está corroborando as palavras de Gaillard:

“Não existe qualquer paradoxo em se situar a arte da palavra entre os gêneros literários de Roma; pelo contrário: o discurso público, destinado a convencer ou a emocionar, é a origem natural da prosa artística; desde logo surgiu a necessidade de se fixar suas regras de composição, em classificá-lo segundo os objetivos que ele busca, as circunstâncias em que ele foi pronunciado, os seus ouvintes; enfim, a necessidade de se definir uma estética do discurso, fazendo do orador um artista” (in *Les Genres Littéraires à Rome*, vol. II, pág. 170).

A preocupação com a oratória precede de muito o mundo romano. Séculos antes da expansão dos latinos, já os gregos faziam profundas reflexões sobre a arte de falar. Foram escritas centenas de discursos, já naquela época, que podiam ser classificados como discursos políticos (aqueles que pretendiam convencer uma assembléia), discursos judiciais (os proferidos em um tribunal, acusando ou defendendo alguém) e discursos de aparato (os que se propunham a seduzir um auditório), discursos esses escritos por grandes nomes, como Lísias, Demóstenes, Esquino.

E essa preocupação com a oratória se faz sentir mesmo em nossos dias, já que, seja um senador ou um deputado apresentando um projeto ou defendendo uma idéia entre seus pares, seja um orador recepcionando um novo membro em uma academia de letras, seja um promotor ou um advogado

de defesa num tribunal, todos apresentam suas palavras obedecendo a regras implícitas, todos buscando igualmente “falar bem”.

Segundo os antigos, o discurso tinha uma enorme importância pois, para eles, era no discurso que tinham sua origem todos os outros gêneros que utilizam a prosa, tais como a história, os tratados de filosofia, a literatura didática etc. Para eles, era através da eloquência que se fazia a exploração dos recursos que a prosa apresenta. Assim, a capacidade de bem falar era tão valorizada entre os romanos, que a elitista educação dos seus jovens não se limitava aos objetivos simplistas de querer ensinar a ler, escrever e contar. A educação em Roma se propunha, acima de tudo, a formar bons oradores, cidadãos que pudessem exercer a “palavra pública”, cidadãos, portanto, que pudessem assumir a função social e política da classe dirigente. E é fácil de se entender a razão dessa maneira de pensar: a eloquência, por sua própria natureza, está intimamente relacionada às condições políticas dentro das quais ela pode – ou não pode – ser exercida, tendo mesmo o potencial para, muitas das vezes, modificar tais condições políticas.

Mesmo porque, desde sua origem, a arte de bem falar sempre tratou de problemas muito importantes, preocupações dos homens de todos os tempos.

No entanto, se a eloquência tem sido um campo de luta, onde as paixões humanas podem se fazer sentir, com frequência de forma esplendorosamente bela, ela tem sido também uma eterna preocupação para a sociedade: se, através da eloquência, o orador pode conduzir vontades e sentimentos, ela implica sempre uma interrogação sobre sua intenção moral e política. Quais são as intenções veladas do orador, ao fazer um discurso? Caberia aqui uma resposta, dizer que o orador pretende manipular o pensar do seu público de acordo com sua idéia?

Os discursos, sejam discursos políticos, discursos jurídicos, discursos que se proponham a emocionar os ouvintes ou a dar um “show” de oratória, mesmo quando redigidos e publicados, todos eles são uma peça de eloquência oral, todos eles, são feitos para serem pronunciados em voz alta, em todos eles a harmonia das palavras deve ser sentida, o arrebatamento dos sons, os efeitos do ritmo, o tom mesmo das indignações, do patético e da ironia devem estar presentes, em toda a sua intensidade. Por essa razão, um orador, ao preparar um discurso, não é apenas um escritor. Ele é um artista que deverá escrever uma obra de arte, uma peça teatral que deverá representar com sua voz e com seus gestos, trabalhando em cima das uma

palavras que tiver escrito. E é importante, também, lembrar que no discurso deve predominar aquela função da linguagem que Jacobson chamou de **apelativa**, aquela função da linguagem através da qual o orador busca nos seus ouvintes o atendimento dos seus pedidos, das suas ordens, dos seus apelos.

Considerando-se que a sensibilidade romana em relação à musicalidade dos discursos proferidos na época e a atenção que dispensavam a possíveis falhas de pronúncia eram bem mais refinadas do que a que se tem em nossa época, conclui-se que a eloquência tinha um lugar de grande destaque no gosto dos romanos, quer como atividade pública, quer como atividade artística, quer como um espetáculo que despertava um enorme interesse. E a capacidade, o talento para os belos discursos, praticamente se tornou indispensável, no final da época republicana, para o êxito de qualquer carreira política.

É preciso lembrar, também, o enorme significado que tinha a eloquência nas atividades militares. Um momento importante era, geralmente, aquele que antecedia uma batalha, quando o comandante, à frente dos seus soldados, pronunciava um discurso justificando as razões do combate e exortando os soldados à bravura.

Percebia-se, portanto, que a arte de emocionar e a arte de persuadir devem se combinar num discurso, já que o prazer que deve prender a atenção de um auditório contribui de forma decisiva para a persuasão. Por isso, pode-se dizer que a riqueza da eloquência é resultante da diversidade, da sensibilidade ao auditório, da maestria perfeita do orador quanto à capacidade de expressão.

É difícil de se estabelecer quando a eloquência começa a ter um papel relevante em Roma. Chega aos nossos dias, no entanto, como uma das primeiras demonstrações do poder da oratória, a “Fábula dos Membros e do Estômago”, discurso proferido por Menênio Agripa, cônsul romano em 502 a.C., quando, segundo a tradição, teria conseguido reconciliar a plebe, reunida no monte Aventino, e o Senado romano, em 494 a. C., que aqui vai transcrito:

“No tempo que as partes do corpo não se combinavam tão perfeitamente como em nossos dias, e que cada membro tinha sua própria opinião e sua própria língua, todas as outras partes se indignaram porque eram elas que atendiam o estômago em todas as coisas, enquanto este, bem tranqüilo no meio delas, não tinha senão que gozar dos prazeres que elas lhe proporcionavam. Assim, fizeram

conspiração: as mãos não levariam a comida à boca, a boca não a receberia mais, os dentes não a mastigariam mais. Mas, por causa desse desentendimento, por quererem dominar o estômago pela fome, os membros de todo o corpo vieram a se exaurir, ao mesmo tempo, completamente” (Tito Lívio, II, 22, in Gaillard, *Les Genres Littéraires à Rome*, pág. 173).

Escassas informações chegaram até os dias atuais sobre os nomes dos primeiros oradores da Roma antiga. Dentre os poucos que se conhecem, podem ser citados: Ápio Cláudio Cego, Marco Cornélio Cegeto e Marco Pórcio Catão.

Para Marco Túlio Cícero, que discorreu largamente sobre o assunto, a eloquência propriamente dita só começa mesmo com Catão, o Censor, quando, segundo Cícero, tal gênero adquire a especificidade de um gênero literário.

Marco Pórcio Catão, que foi cônsul em 195 e censor em 184 a.C., dedicou sua vida a combater o helenismo em nome de uma moral austera e pregou continuamente a destruição da cidade de Cartago, inimiga de Roma (“*Delenda est Carthago*”), com sua vibrante oratória. Embora rude, desordenada, pouco preocupada com a harmonia ou o rigor lógico, a eloquência de Catão é eficaz, cheia de recursos e de vigor. Por isso que, mesmo proferidos em um tempo tão distante, os discursos de Catão continuam a representar um forte exemplo de alavancador da ação política.

Catão é, portanto, segundo Cícero, um marco na história da eloquência romana. Com ele, a eloquência sai das sombras e começa a ocupar, cada vez mais, o lugar que lhe cabe entre os gêneros literários latinos.

É evidente que, a exemplo de outros domínios literários e artísticos, enorme era a distância, durante todo o segundo século que antecedeu o nascimento de Cristo, entre a eloquência praticada em Roma, de uma grande pobreza de meios de inspiração, e a eloquência grega clássica, modelo cada vez mais estudado e seguido. No entanto, os modelos políticos da época mostravam-se singularmente favoráveis ao progresso da oratória. Após um século de guerras, as questões internas demandavam soluções cada vez mais urgentes; grandes debates ocorriam no campo político; a palavra começou a ser tão poderosa — às vezes até mais — quanto as armas. Até então, aos líderes romanos, bastava que fossem bons generais; agora eles tinham também que ser bons oradores.

Os irmãos Tibério Simprônio Graco (162 a.C./133 a.C.) e Caio

Semprônio Graco (154 a.C./121 a.C.) foram políticos romanos que contribuíram em muito para o enriquecimento da oratória, em especial aquela oratória dirigida às pessoas mais simples, o povo e os soldados. Seus discursos serviram de modelo a muitas gerações de oradores ditos “populares”, a ponto de se dizer que, com os Gracos, fora instituído o “discurso popular”.

Os chamados discursos populares são aqueles que apresentam um estilo alongado, interpelações ao público, imagens que surpreendem a assistência, momentos de arrebatamento oratório, uma forte emoção sempre presente, tudo visando manter a multidão sob um controle absoluto, usando técnicas que, no futuro, constituiriam a chamada “psicologia das multidões”.

Marco Túlio Cícero, inegavelmente um dos maiores oradores de todos os tempos, profundo conhecedor do assunto, reconhece nos irmãos Gracos um talento excepcional (embora condene as idéias que eles defendiam).

Cícero nasceu em Arpino, no Lácio, no ano 106 antes de Cristo, de pai pertencente à ordem eqüestre, aquela que vinha logo abaixo da dos patrícios na hierarquia social romana, tendo morrido em Fórmias, no ano de 43 a. C. O pai de Cícero, homem interessado pelas letras, deu a ele uma educação esmerada, preparando-o para as lides forenses e a vida pública.

Apesar das bem poucas chances que um homem estranho à classe senatorial, um “homem novo”, tinha de galgar os degraus mais elevados da ascensão política na Roma daquela época, Cícero o conseguiu brilhantemente, através de seus talentos de orador, tendo sua primeira aparição como advogado ocorrido em 81 a. C. A partir dessa data, até sua morte, encontramos seu nome, com frequência, no desenrolar da história Romana do período.

A respeito desse brilhante orador, podemos repetir aqui as palavras muito bem colocadas de Gaillard:

“O que singulariza Cícero na literatura latina? Materialmente, a sobrevivência excepcional de seus escritos. Este autor é um modelo: Mas de que é ele o modelo? Sem dúvida, da imagem que temos de Roma, tal como nossa cultura no-la transmitiu historicamente. Uma imagem bem idealizada, talvez, mas cuja existência e permanência são em si conseqüências dos fatos. E estes fatos sancionam a contribuição excepcional de nosso autor, em múltiplos domínios, no que se refere ao pensamento de seu tempo. O homem eloqüente, o criador da

língua filosófica latina, o político inábil em sua busca por um equilíbrio ideal entre tantas forças contraditórias, o teórico do discurso que moraliza a eloqüência, a testemunha adequada de suas ilusões, de seus erros, de suas esperanças, todos estes perfis de Cícero expõem as dificuldades de seu século (*In Les Genres Littéraires à Rome*, pág. 177).

O período da literatura romana chamada de *Período de Cícero*, que vai do ano 80 ao ano 43 a.C., foi extremamente agitado e importantíssimo. Após o desaparecimento do ditador Lucio Cornélio Sila (ou Sula), que tentara restabelecer os princípios constitucionais da aristocracia, novamente as discórdias civis abalaram Roma.

Mas apesar de toda a agitação — e certamente por causa disso — este é um momento marcado por um extraordinário desenvolvimento das letras, principalmente da prosa, que se faz apresentar em brilhantes discursos judiciais e políticos. Deve-se isso principalmente a duas razões: as lutas políticas são violentas e o estudo dos modelos gregos se difunde cada vez mais.

A presença de Cícero na cena política romana desta época nos revela não apenas uma testemunha, mas também um ator empenhado deste longo período de crises que delimitam a agonia da República. Assim sendo, a leitura de suas obras torna-se por vezes difícil se não se tiver presente a história das crises e das idéias de sua época: Cícero ocupa uma posição determinante (o consulado), que depois perde (o exílio), esforça-se por reconquistá-la (o regresso do exílio), vegeta à sombra do primeiro triunvirato, escolhe o lado errado durante a guerra civil, tem um peso essencialmente moral no período de César, após a morte de César, em 44 a. C., julga reencontrar o seu destino, toma resolutamente o partido contra Marco Antônio e apóia o jovem Otávio, que viria a tornar-se Augusto, os dois se reconciliam, Cícero é assassinado em 43 a.C.

Das orações de Cícero chegaram cinquenta e sete aos nossos dias, quase todas completas (existe ainda referência a mais oitenta títulos, em obras diversas). Dessas orações, destacam-se os discursos jurídicos e os discursos políticos, estes últimos ora dirigidos ao senado, ora dirigidos ao povo. Pelo espírito, pelo vigor, pelas passagens humorísticas, pela facilidade de manuseio de argumentos complexos e pela perfeição da forma estilística, é evidente a supremacia Cícero na eloqüência romana.

A arte da eloquência não consiste absolutamente de um somatório de regras; pelo contrário, ela tende, como um todo, para uma definição global do discurso como produto de uma sucessão de operações, operações essas que não requerem uma técnica própria. Mas que não fogem à necessidade de um plano, de uma ordenação.

Os esforços de Marco Túlio Cícero para codificar a ordem do discurso e suas partes, como contribuição única, tem largamente contribuído para fixar “as leis do gênero”, ou seja, o que, em resumo, é a ambição de todo classicismo.

O corpo do discurso, portanto, segundo esse grande orador, deve se estruturar da seguinte maneira:

Primeiro momento: **exórdio** (*exordium*): é o ato de começar o discurso.

Segundo momento: **narração** (*narratio*): consiste em expor as causas do discurso.

Terceiro momento: **confirmação** (*confirmatio*): consiste em argumentar, confirmando o ponto de vista defendido.

Quarto momento: **peroração** (*peroratio*): consiste em terminar o discurso.

O exórdio deve, desde logo, seduzir os ouvintes, captar sua boa vontade (*captatio benevolentiae*). Em seguida, deve apresentar, de maneira clara, o assunto do discurso e como ele vai se desenvolver, isto é, o anúncio das partes do discurso (*partitio*).

A narração é o relato dos assuntos em pauta. Do mesmo modo que o exórdio, a narração deve ser a mais funcional possível. A narração constitui-se de informações voltadas para os ouvintes; mas estas informações devem conter apenas aquilo poderá vir a ser útil para o orador, quando este, mais tarde, for desenvolver os seus argumentos.

A confirmação pressupõe:

- que se proponha o assunto a se debater (*propositio*), num primeiro momento;
- que se desenvolvam os argumentos probatórios (*argumentatio*), em seguida.

Em função da argumentação, pode ocorrer a necessidade de se:

- ter que refutar teses anteriormente apresentadas pelo adversário e de se recorrer a um contra-interrogatório das testemunhas (*refutatio*).

- provocar o adversário para o debate (*altercatio*).
- elevar o tom do debate ao máximo (*amplificatio*).
- associar ao debate considerações que, aparentemente, não lhe dizem respeito, mas que contribuem para o seu esclarecimento (*digressio*).

A peroração é o coroamento do discurso. Na peroração deve-se reencontrar não só o resumo dos argumentos (*enumeratio*, *rerum repititio*), como também um último esforço de persuasão, que se **apoia** geralmente na emoção.

Cícero, em seus grandes discursos políticos, sabia, admiravelmente, dar às suas perorações uma gravidade patética. Evitava, no entanto, situações lacrimosas e os excessos quase histéricos em que caem, com muita frequência, os oradores que procuram despertar emoções em seus ouvintes.

Em Gaillard, encontramos:

“Para preencher esta “forma vazia” do discurso, esta fórmula que Cícero tão bem sabia utilizar, é necessário que o orador execute cinco atos que constituem as partes da arte oratória:

Primeiro: Achar o que dizer (**inuentio**: *inuenire quid dicas*).

Segundo: Colocar em ordem o que se achou para dizer (**dispositio**: *inuenta disponere*).

Terceiro: Achar as palavras para o discurso, acrescentar a elas os ornamentos das palavras e das figuras (**elocutio**: *ornari uerbis*).

Quarto: Apresentar o discurso como se fosse um ator representando, com gestos e entonações da voz (**actio**: *agere et pronuntiare*).

Quinto: Recorrer o tempo todo à memória (**memoria**: *memoria mandare*)”
(*In Les Genres Littéraires à Rome*, pág. 181).

Todos nós, seres humanos, que tanto nos orgulhamos da supremacia que exercemos no planeta Terra, na verdade não passamos de animais. Pertencemos, no entanto, a um grupo privilegiado de animais: somos animais racionais. O que significa isso ? Significa que temos a *capacidade de pensar, de saber que existimos, de lembrar de coisas que ocorreram no passado e de imaginar como poderá ser o nosso futuro*. E, o que ainda é mais importante: *somos capazes de transmitir, de alguma maneira, os nossos pensamentos para os outros seres da nossa espécie*, fazendo com que eles tomem conhecimento dos nossos *desejos*, das nossas *emoções*, dos nossos *anseios*, dos nossos *sentimentos*, das nossas

angústias ... Isso é a comunicação.

E, mais ainda do que tudo o que foi dito no parágrafo anterior: a comunicação é capaz também de fazer com que as pessoas sejam levadas a fazer aquilo que uma outra quer que elas façam, pelo poder do convencimento; que elas acreditem que estão querendo fazer alguma coisa, quando na verdade estão é fazendo o que o outro quer que elas façam. Daí o grande poder — e o grande risco — que o uso das palavras representa. E Cícero, como poucos outros na história da humanidade, soube tão bem usar esse poder, só interrompido com seu assassinato, em Fórmias, no ano 43 antes de Cristo.

Um homem vencido pela espada, poderá um dia se rebelar. Um homem vencido pela palavra, certamente tornar-se-á um aliado.

BIBLIOGRAFIA:

GAILLARD J. & MARTIN R. **Les Genres Littéraires à Rome**. Paris: Scodel, s/data.

..... **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Nova Cultura, 1998.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

FERREIRA, Antônio Gomes. **Dicionário de Latim Português**. Porto: Ed. Porto, 1998.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino-Português**. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino Português**. Porto: Gráficos Reunidos, 1999.

MICHAUD, Guy. **Les Catilinaire de Cicéron**. França: Librairie Hachette, 1938.

GONÇALVES. Maximiano Augusto. **“Pro Archia” “Pro Marcello” “Pro Ligario”**. Rio de Janeiro: Antunes Editora, s/d.

GONÇALVES. Maximiano Augusto. **Tradução das Catilinárias de Cícero**. Rio de Janeiro: São José, 1964.

Temas característicos da poesia bucólica: O cenário e o amor.

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro UERJ/ Seminário São José de Niterói

RESUMO:

Procuramos focalizar o cenário bucólico e o amor heterossexual e homossexual que fazem parte dos temas característicos da poesia pastoral já presentes em Teócrito na Grécia e em Virgílio em Roma. Apesar deste tipo de poesia ser uma criação dos helenos, Virgílio soube ser bastante original em suas *Bucólicas quanto à elaboração do* cenário romano e sobretudo mantuano; quanto à elaboração do amor entre pastores e pastoras romanos ou quanto à elaboração do amor não correspondido que faz com que o poeta ou o eu-lírico deseje a morte, ou se entregue ao “amor que vence todas as coisas”.

Palavras-chave: Teócrito, Virgílio, Bucolismo, Grécia e Roma

1. O cenário bucólico

Como informa Jean Bayet, (BAYET, 1965: 203) os temas preferidos de Virgílio são a análise psicológica da paixão, o que encontramos por exemplo na décima bucólica, as curiosidades da mitologia e da cosmogonia, patente na sexta, e, sobretudo, uma riquíssima aspiração à paz e ao repouso, presentes na vida bucólica e nos pastores.

Neste cenário bucólico, estão inseridos os pastores, o campo e os animais como analisaremos a seguir.

O pastor, na poesia virgiliana, está num lugar de felicidade, gozando o dia presente, enquanto tem essa oportunidade ou o vigor da juventude, pois a vida é efêmera.

Para passar o tempo e para mostrar quem era o melhor no canto e na poesia, enquanto cuidavam de seus animais, os pastores se dedicavam a disputas poéticas. O trecho seguinte nos mostra um encontro de pastores:

Forte subarguta consederat ilice Daphnis,

compulerantque greges Corydon et Thyrsis in unum,

Thyrsis ouis, Corydon distentas lacte capellas,

ambo florentes aetatibus, Arcades ambo,

et cantare pares et respondere parati. (VII, 1-5)

“Casualmente, Dáfnis assentara-se sob uma sonora azinheira

e Coridão e Tírsis reuniram os seus rebanhos em um único lugar;

Tírsis reunira as ovelhas; Coridão as cabras cheias de leite,